

# **Entre especialização e diversificação industrial: por um desenvolvimento regional durável**

Áurea C. M. Breitbach \*

*Title: Between Industrial Specialization and Diversification: In Search of a Durable Regional Development*

## **RESUMO**

O texto trabalha com os conceitos de diversificação e de especialização industrial no âmbito regional, por meio da análise de duas regiões gaúchas: Caxias do Sul e Vale do Rio dos Sinos. Caracterizamos essas regiões, mostrando suas vulnerabilidades e suas potencialidades, na perspectiva de um desenvolvimento regional durável. No contexto teórico em que o tema está situado, a especialização regional tem sido considerada como fator altamente favorável ao desenvolvimento das regiões que visam a uma inserção competitiva na economia globalizada. A diversificação industrial regional, entretanto, raramente é apontada pela bibliografia como uma vantagem a ser enfatizada. Por isso, tomamos duas regiões, com perfis industriais bastante distintos, com o fito de mostrar que a assertiva acima não é uma verdade absoluta. Ou seja, nosso estudo constatou que a região especializada na cadeia produtiva coureiro-calçadista apresentou grande vulnerabilidade a fatores externos, sofrendo as conseqüências das oscilações do mercado internacional, o que compromete o seu desenvolvimento a médio e longo prazo. Quanto à região diversificada de Caxias do Sul, a situação é diferente, uma vez que seu dinamismo não apresentou fortes variações. O crescimento estável dessa região autoriza concluir que a diversificação industrial exerceu um papel equilibrador, em certa medida. Quanto à metodologia adotada, tomamos por base os dados da RAIS de emprego industrial por município e a partir deles calculamos os quocientes de localização, bem como adaptamos uma tipologia (elaborada por pesquisadores do IBGE) para caracterizar a especialização/diversificação dos municípios. Privilegiamos o período 1990-2002, quando o processo de reestruturação industrial provocou importantes mudanças na economia brasileira, o que nos permite averiguar como foram as reações das regiões a essa nova realidade.

*Palavras-chave:* Economia regional; diversificação industrial; desenvolvimento local.

## **ABSTRACT**

The article operates with the concepts of diversification and industrial specialization in the regional context, analyzing two areas of the state of Rio Grande do Sul: Caxias do Sul and the Sinos River Valley. It characterizes these areas, showing their vulnerabilities and potentialities in terms of a durable regional development. In the theoretical context in which the topic is located regional specialization has been considered as a factor that is highly favorable to the development of areas that aim at a competitive insertion in the global economy. Regional industrial diversification, however, is rarely pointed out by the literature as an advantage to be emphasized. Therefore, the author took two areas with quite different industrial profiles with the purpose of

---

\* Economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE). Doutora em Geografia pela Université de Paris I-Panthéon-Sorbonne. E-mail: [aurea@fee.tche.br](mailto:aurea@fee.tche.br)

showing that the statement mentioned above is not an absolute truth. In other words, the article shows that the area of the Sinos Valley, which is specialized in the leather-footwear chain, presented great vulnerability to external factors by suffering the consequences of the oscillations of the international market, which jeopardizes its development in the medium and long term. In the diversified area of Caxias do Sul the situation is quite different, once its dynamism didn't show strong variations. The stable growth of that area enables one to conclude that the industrial diversification had a balancing effect to a certain extent. The methodology adopted is based on data of RAIS on industrial jobs by municipality. Starting from them, location quotients were calculated and a typology (worked out by researchers of IBGE) was adapted in order to characterize the specialization/diversification of the municipalities. The article concentrates on the period 1990-2002, when the process of industrial restructuring caused important changes in the Brazilian economy, which makes it possible to discuss how those areas responded to the new reality.

*Key words:* Regional economy; industrial diversification; local development.

*JEL Classification:* R13, L11.

## **Introdução**

Este texto tem como objetivo mostrar que a diversificação das atividades econômicas – especialmente da indústria – pode significar uma vantagem importante para o desenvolvimento regional, na conjuntura mundial que vem se configurando a partir da abertura dos mercados<sup>1</sup>. Então, numa perspectiva comparada, tomamos duas regiões industriais do Rio Grande do Sul, salientando suas vulnerabilidades e suas potencialidades de desenvolvimento num contexto econômico instável e fortemente concorrencial como o atual. Trata-se da região de Caxias do Sul, com uma estrutura industrial diversificada, e da região do Vale do Rio dos Sinos, altamente especializada no complexo coureiro-calçadista<sup>2</sup>.

O emprego industrial por gênero é o indicador escolhido para caracterizar essas regiões. Nossa análise considera basicamente o período 1990-2002, quando se tornaram intensos os efeitos da abertura dos mercados e da reestruturação industrial. A fonte estatística é o Ministério do Trabalho e Emprego, através da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais).

## **Especialização e diversificação: vantagens e desvantagens**

Observa-se que grande parte das abordagens sobre desenvolvimento regional presentes na literatura enfatiza a especialização – muito mais do que a diversificação – como um fator

favorável às regiões que buscam uma inserção competitiva nos mercados, tanto nacionais como mundiais. De uma maneira geral, a especialização tornou-se a palavra-chave para uma inserção competitiva no mercado mundial. Assumiu até mesmo ares de “recomendação” visando ao bom desempenho econômico e, muitas vezes, chega a ser sinônimo de progresso. Ao fim das contas, todo mundo se diz especializado, pois é sinal de modernidade.

Como dissemos acima, a especialização está presente na grande maioria das abordagens sobre desenvolvimento regional na era da globalização. Muitas das experiências relatadas pela literatura internacional tratam de economias territoriais especializadas, onde um tipo de produto ou uma cadeia produtiva dominam o tecido econômico regional, como é o caso, por exemplo, dos distritos industriais e dos *clusters*.

Há, entretanto, abordagens menos restritivas no que concerne à especialização como condição para o desenvolvimento regional, na atualidade. Contra-restando a tendência dominante, os estudiosos dos “meios inovadores” não compartilham da idéia que o desenvolvimento regional deve fundar-se sobre a especialização. Autores como Aydalot (1984) e Matteaccioli (1995) salientam que as regiões diversificadas estão mais aptas a reagir a riscos e incertezas que caracterizam a economia globalizada. Segundo eles, uma grande especialização pode trazer uma maior vulnerabilidade à região, ficando essa à mercê das oscilações dos mercados.

Do nosso ponto de vista, a diversificação pode ser um pilar importante para o desenvolvimento regional, principalmente se considerarmos o grau de incertezas e de riscos que reina atualmente no âmbito da economia mundial. Nosso estudo sobre a região de Caxias do Sul (Breitbach, 2003) mostrou que, ao contrário do que parece ser a tônica das abordagens recentes sobre desenvolvimento regional, a especialização produtiva não é a única via para o sucesso econômico, nem necessariamente a melhor.

Nessa linha, por que não considerar a diversificação das atividades econômicas como um elemento favorável? Não seria mais aconselhável aprimorar uma estrutura econômica diversificada, em lugar de aprofundar uma especialização? Se pensarmos em termos de médio e longo prazos, seria conveniente buscar-se uma forma de desenvolvimento regional sustentado, ou

seja, uma dinâmica econômica territorializada que tenha condições de se manter no decorrer do tempo, que seja capaz de criar alternativas frente às adversidades do mercado, sem ver suas bases de sustentação ameaçadas.

Uma estrutura diversificada e baseada em recursos endógenos se apresenta, a nosso ver, como uma alternativa a ser reconhecida como válida para fazer face ao comportamento errático dos mercados internacionais. Uma estrutura industrial diversificada tem mais chances de se recuperar de intempéries passageiras, permitindo que os ramos com melhor desempenho assumam o comando, quando alguns passam por dificuldades. Assim, o desemprego em um ramo pode significar absorção de mão-de-obra por outro. Isso sem contar as possibilidades de integração do tecido industrial local, que a diversificação contribui para aprofundar. Dessa forma, é mais provável que o dinamismo global da região seja mantido, mesmo que nem sempre em níveis muito elevados. O importante é que uma região diversificada tende a ser mais adaptável, mais flexível às mudanças econômicas do que uma região altamente especializada.

A hipótese fundamental que desenvolvemos em nossa pesquisa é que a região de Caxias do Sul tem se mostrado dinâmica, ostentando uma performance industrial considerável, devido em grande parte à diversificação de atividades<sup>3</sup>. Embora os reflexos da crise econômica dos anos 1980 tenham se feito sentir na região, esta não teve sua trajetória gravemente comprometida em função disso<sup>4</sup>. O modo de desenvolvimento da região de Caxias – que faz com que sua economia cresça, novos ramos sejam criados e se expandam, e outros sofram reconversão – repousa num certo grau de diversificação industrial em que as trocas intra-regionais são encorajadas.

Em contrapartida, o caso da região do Vale do Rio dos Sinos, na Região Metropolitana de Porto Alegre, é paradigmático no contexto industrial do Rio Grande do Sul, trazendo à luz as vulnerabilidades de uma região altamente especializada. O crescimento dessa região está baseado na cadeia produtiva<sup>5</sup> coureiro-calçadista, cuja produção se dirige ao mercado internacional, notadamente aos Estados Unidos. Em função das mudanças nas condições de competitividade nos mercados mundiais, principalmente devido à concorrência dos países do Sudeste Asiático, essa região conheceu grave crise durante a década de 1990, com elevados níveis de desemprego e falência de empresas.

### **Um pouco de história: diferenças e semelhanças**

Do ponto de vista histórico, alguns traços de similaridade ligam as duas regiões em análise. Ambas têm origem na imigração européia do final do século XIX, sendo que a maior parcela da população aí instalada foi de agricultores. As terras do vale receberam colonos alemães a partir de 1824, enquanto que os italianos começaram a chegar 51 anos mais tarde, em 1875, se estabelecendo às bordas do planalto.

As similaridades primordiais entre as duas formações históricas não vão muito além disso, sobretudo quando se considera que as circunstâncias com que se confrontaram essas populações estrangeiras eram bastante diferentes. Os colonos alemães beneficiaram-se de condições mais generosas de instalação do que aquelas que foram dispensadas aos italianos (ver Roche, 1969, p. 95).

Do ponto de vista da geografia física, as diferenças continuam sendo favoráveis aos alemães, pois eles se instalaram nas terras férteis do vale, onde as culturas de subsistência puderam se desenvolver rapidamente. Além disso, o transporte fluvial facilitava sobremaneira o comércio com a capital da província, Porto Alegre.

Ao contrário, as terras destinadas aos italianos eram pouco propícias à agricultura não somente pela baixa fertilidade (devido à erosão dos solos e à sua formação basáltica), mas também pelo relevo acidentado, o que dificultava ainda a criação de gado. Soma-se a isso a distância entre a região italiana e as cidades e vilas potencialmente compradoras dos seus produtos. Considerando-se a rusticidade dos meios de transporte nos tempos iniciais, pode-se bem imaginar o quanto essa distância era agravada pela característica íngreme dos terrenos. Apesar dessas diferenças iniciais<sup>6</sup>, pode-se dizer que a colonização das duas regiões veio a tomar rumos assemelhados, *grosso modo*, uma vez que as duas evoluíram de uma agricultura de subsistência baseada na pequena propriedade, passando por um desenvolvimento do comércio, para então dar início à industrialização propriamente dita.

Quanto ao modo de industrialização, entretanto, as diferenças reaparecem. A região do Vale do Rio dos Sinos se consagrou à produção de calçados com vistas notadamente ao mercado

externo, tendo, portanto, tomado o caminho da especialização industrial num contexto de dependência de fatores exógenos à região. Por outro lado, a região de Caxias do Sul engendrou um modo de industrialização bem mais diversificado – dotado de um amplo espectro de gêneros – cuja produção atinge praticamente todos os mercados (local, regional, nacional, internacional).

### **A região de colonização alemã**

A história econômica da região do Vale do Rio dos Sinos tem início com a chegada de imigrantes alemães, em 1824, como referimos acima. Da mesma forma que os italianos 50 anos depois, a maioria dos colonos alemães era formada por camponeses, embora houvesse também oleiros, sapateiros, tecelões, alfaiates, como descreve Roche (1969 p. 96-97). A produção agrícola se desenvolveu rapidamente, e o comércio entre os povoados da colônia foi pouco a pouco se intensificando. Seguiu-se o surgimento de um artesanato ligado à produção de bens de primeira necessidade, como alimentação, habitação e vestuário. Nesse contexto, o couro adquiria um importante papel como matéria-prima, tanto para a produção de sapatos, tamancos e botas, como para selas, arreios e relhos. Salientamos que os utensílios de montaria contavam com um mercado promissor praticamente em todo o interior do Estado do Rio Grande do Sul. Assim, a garantia de um mercado aliada ao *savoir faire* local estimulou fortemente a especialização regional. Todas as atividades ligadas ao couro eram realizadas inicialmente em oficinas mantidas pelo proprietário e sua família. Conforme relata Roche (*ibid.*, p. 97), a colônia contava em 1829 com “uma fábrica de azeite, uma fábrica de sabão e oito pequenos curtumes, células-mães da indústria do couro que prospera hoje em São Leopoldo e Novo Hamburgo”.

Assim, foi paulatinamente se configurando a especialização industrial no Vale do Rio dos Sinos. Em 1876, finalizada a construção da ferrovia ligando Novo Hamburgo a Porto Alegre, o comércio e a produção artesanal sofreram grande impulso. Segundo Moreira (1987, p. 67), “as primeiras indústrias propriamente ditas surgiram a partir de 1890 e se localizaram principalmente em Novo Hamburgo”.

Evidentemente, a evolução industrial dessa região contou também com o surgimento de outras atividades não ligadas ao couro, e a proximidade com Porto Alegre contribuiu para isso.

Porém, a especialização regional se impôs fortemente ao longo da segunda metade do século XX, embora as duas cidades principais – São Leopoldo e Novo Hamburgo – ostentem atualmente uma maior diversificação de atividades, com ênfase no setor serviços.

### **A região de colonização italiana**

A diversificação da região de Caxias é um traço de sua formação histórica, não sendo, portanto, uma característica recente como se poderia pensar. Esse fato confere um certo grau de solidez à estrutura econômica regional que temos atualmente. Há gêneros industriais tradicionais que se desenvolveram na região – e ao mesmo tempo desenvolveram a região – como a mecânica e a metalúrgica, que alimentam com insumos e bens de capital diversos outros gêneros. Recuperando a perspectiva histórica, observamos que a maioria dos imigrantes italianos que chegaram à região no fim do século XIX era de agricultores. Entretanto, a bibliografia salienta que muitos deles já traziam ofícios que haviam aprendido na Itália. A diversidade de conhecimentos artesanais permitiu, então, que as colônias se desenvolvessem rapidamente, apesar da distância da capital e do relativo isolamento inicial, agravado pelas dificuldades de transporte em função do relevo acidentado já referido.

Não apenas ofícios ligados ao cultivo da terra estavam presentes entre os pioneiros, mas registrava-se também a atuação de fotógrafos, barbeiros, sapateiros, relojoeiros e tantos outros ofícios de matiz urbano. Estudos apontam inclusive a vinda de imigrantes com alguns recursos provenientes da venda dos bens que lhes restavam na Itália. Esse grupo teria dado origem à classe dos comerciantes, os quais teriam impulsionado fortemente o desenvolvimento das colônias, fazendo a ligação da região com a capital e zonas circunvizinhas.

A diversificação industrial que conhecemos hoje tem, portanto, longínquas raízes, podendo-se dizer que se constitui numa característica estrutural da economia regional. Se observarmos em largos traços a evolução dos ramos industriais ao longo do século XX, perceberemos que houve uma diversificação crescente, caracterizada não apenas pelo fortalecimento de ramos já existentes, mas também pelo surgimento de novos (Breitbach, 2003, p. 249ss.). O ramo de material de transporte – muito importante na região e hegemônico no contexto caxiense – sofreu

um grande impulso na década de 1970, no bojo do desenvolvimento da indústria automobilística brasileira e dos grandes investimentos na infraestrutura de transporte rodoviário. Os efeitos multiplicadores desse ramo industrial se fizeram sentir fortemente na região, tendo-se desenvolvido o que é geralmente chamado “pólo metal-mecânico”. Mais recentemente, ganhou grande dinamismo o gênero de produtos plásticos, que fornece peças técnicas e componentes a outros gêneros industriais da região (material de transporte, material elétrico e de comunicações e móveis, entre outros).

### **Caracterização dos graus de diversificação/especialização das duas regiões**

Nesse trabalho, concebemos duas maneiras de examinar a especialização/diversificação de uma região. A primeira privilegia a análise da região em relação a ela mesma, enquanto que a segunda situa a região num contexto mais amplo. Dito de outra forma, o primeiro ponto de vista considera o peso de cada gênero no conjunto da indústria regional, ou seja, aborda a diversificação em escala intra-regional. A segunda maneira consiste em examinar a importância de cada gênero industrial localizado numa região, em relação ao mesmo gênero situado num território mais amplo, que pode ser um estado ou mesmo um país. O quociente locacional é o instrumento mais adequado para demonstrar isso. Esse segundo procedimento permite fazer ilações sobre a concentração espacial de determinado gênero. Permite, por exemplo, mensurar o quanto a produção gaúcha de calçados se concentra na região do Vale do Rio dos Sinos.

Ambos os pontos de vista sobre especialização/diversificação de regiões industriais permitem conclusões convergentes, embora quantifiquem o fenômeno de maneiras diferentes. Nesse texto, fazemos uso dos dois procedimentos. Passemos ao primeiro.

#### **O ponto de vista intra-regional**

Inicialmente, caracterizamos as duas regiões em questão sob o ângulo intra-regional, através da distribuição do emprego nos diferentes gêneros industriais, traçando um perfil geral para cada uma delas. A tabela 1 expressa a diversificação/especialização de cada uma das regiões através do peso de cada gênero no conjunto da indústria regional. Os dados da RAIS mostram, para a região do Vale do Rio dos Sinos, uma elevada concentração de empregos no gênero

calçados (58,69%). O segundo gênero em importância é couros e peles, também relacionado à cadeia produtiva coureiro-calçadista, com uma participação de 8,64% no emprego industrial. Esses dados comprovam que esta é uma região especializada.

A região de Caxias do Sul, por sua vez, tem um perfil diversificado, apresentando três gêneros com participações em torno de 16% e dois com 8% aproximadamente, que são respectivamente: metalúrgica, material de transporte e móveis; e mecânica e produtos alimentares. Tendo apresentado, digamos assim, um retrato das duas regiões quanto à diversificação/especialização em 2002, propomos o exame das transformações ocorridas a partir do período da chamada reestruturação industrial por que passou a economia brasileira na década de 90.

Tabela 1  
**DISTRIBUIÇÃO DO EMPREGO POR GÊNERO INDUSTRIAL - 2002**

GÊNEROS	REGIÕES			
	CAXIAS DO SUL		VALE DO SINOS	
	empregados	part. %	empregados	part. %
Mínerais não metálicos	1.270	1,38	1.644	1,24
Metalúrgica	15.001	16,32	7.403	5,57
Mecânica	6.870	7,48	6.305	4,74
Material elétrico	3.988	4,34	247	0,19
Material de transporte	15.513	16,88	923	0,69
Madeira	1.828	1,99	1.139	0,86
Móveis	14.492	15,77	1.661	1,25
Papel e papelão	1.113	1,21	1.897	1,43
Borracha	1.041	1,13	3.920	2,95
Couros e peles	1.435	1,56	11.480	8,64
Química	390	0,42	2.019	1,52
Farmacêutica	33	0,04	5	0,00
Perfumaria, sabões e velas	30	0,03	106	0,08
Produtos plásticos	5.411	5,89	8.695	6,54
Têxtil	2.540	2,76	942	0,71
Vestuário	4.033	4,39	1.065	0,80
Calçados	4.714	5,13	77.987	58,69
Produtos alimentares	7.504	8,17	2.152	1,62
Bebidas	2.707	2,95	106	0,08
Editorial e gráfica	1.985	2,16	3.194	2,40
<b>TOTAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>91.898</b>	<b>100,00</b>	<b>132.890</b>	<b>100,00</b>

Fonte : RAIS, Ministério do Trabalho e Emprego

A abertura dos mercados e o acirramento da concorrência, bem como a maior fluidez nas movimentações de capital no âmbito mundial, alteraram significativamente os critérios de competitividade até então vigentes, tendo provocado importantes conseqüências econômicas. A literatura sobre economia regional é pródiga em relatos e análises sobre as dificuldades por que passaram inúmeras regiões do mundo em face dessas grandes mutações no cenário econômico global. A chamada revolução tecnológica trouxe as mais diversas conseqüências sobre as formas organizacionais de produção, ampliando as possibilidades locais das atividades. Com isso, algumas regiões industriais tradicionais da Europa, por exemplo, entraram em franca decadência, sendo que outras conseguiram forjar condições de adaptabilidade à nova situação, tornando-se, todas elas, objeto de inúmeros estudos na área de economia regional (ver em especial Benko e Lipietz, 1994).

No Brasil, o que se chama de reestruturação industrial é o movimento global de reorientação da economia no sentido da flexibilidade, o que concerne tanto aos aspectos industriais, como aos institucionais e aos políticos. Sob o ponto de vista das empresas, o importante é tornar-se apto a dar respostas rápidas e eficientes às demandas do mercado.

À luz desse quadro geral – superficialmente traçado aqui –, julgamos interessante ver como as duas regiões estudadas se comportaram nesse difícil e complexo período, cujas transformações estão longe do esgotamento. Vamos tomar dois pontos no tempo (1990 e 2002) e compará-los, sempre sob o ângulo da diversificação/especialização industrial.

Para isso, fazemos uso da metodologia de Almeida e Ribeiro (1991). Com a finalidade de analisar a organização espacial da indústria brasileira, esses pesquisadores do IBGE criaram um esquema tipológico baseado no Valor da Transformação Industrial (VTI) capaz de caracterizar os principais centros industriais do país conforme sua especialização/diversificação. Para identificar os centros industriais (grupos de municípios) a serem analisados, o estudo toma os municípios com VTI superior a Cr\$ 2.000.000,00 (com base no Censo Industrial de 1980), o que corresponde aproximadamente a R\$ 207.000,00 em julho de 2004<sup>7</sup>. Desse critério resultaram 137 centros industriais no Brasil que foram classificados pelos autores em cinco grupos, segundo o peso dos

diferentes gêneros no valor do VTI, descritos como segue: a) Grupo 1 – **Centros fortemente monoindustriais**. Apenas um gênero detém 75% ou mais do VTI do centro. b) Grupo 2 – **Centros monoindustriais**. Um único gênero detém entre 50% e 75% do VTI do centro; ou um só gênero detém entre 45% e 50% do VTI do centro, desde que não haja gênero com mais de 10%. c) Grupo 3 – **Centros bipolares**. Dois gêneros têm VTI superior a 10%, e no mínimo um deles ultrapassa 25% do total do VTI do centro. d) Grupo 4 – **Centros com tendência à diversificação**. Três gêneros superiores a 10% cada um, cuja soma deve ser de 60% ou mais do VTI do centro. e) Grupo 5 – **Centros diversificados**. Três gêneros superiores a 10% cada um, cuja soma não pode ultrapassar 60% do total do centro.

Para o nosso trabalho, o interesse da tipologia de centros industriais elaborada por Almeida e Ribeiro reside no fato que ela permite medir a intensidade da diversificação/especialização, evidenciando as diferenças entre as duas regiões no que concerne ao modo de industrialização. Esclarecemos que interpretamos a noção de *centros industriais* presente no texto referido como *regiões industriais*, no caso, as duas mais importantes do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, tendo em vista que buscamos uma comparação em dois momentos da evolução recente dessas regiões, achamos mais adequado substituir a variável VTI pela variável emprego industrial, tendo em vista que essas duas regiões se caracterizam como intensivas em mão de obra<sup>8</sup>, fazendo com que os níveis de emprego expressem com suficiente acuidade o dinamismo da indústria local. Ademais, esse procedimento evita a utilização de valores monetários, eliminando problemas de conversão de moeda e de eliminação de efeitos inflacionários. Nosso caminho foi tomar o emprego industrial, segundo a RAIS, por município e por gênero, calculando a participação de cada gênero do total da indústria do município, podendo assim caracterizar seu perfil industrial. Os quadros seguintes apresentam os resultados desse procedimento.

O quadro 1 a seguir expressa muito claramente o que se passou com a região de Caxias do Sul, durante o período da reestruturação da economia brasileira. A indústria regional aprofundou a sua já conhecida tendência à diversificação, tendo passado do nível 4, “com tendência à

diversificação”, para o nível 5, “diversificado”. Parece-nos legítimo interpretar esse movimento como uma originalidade dessa região em relação a numerosas outras que, ao contrário dela, tomaram o caminho da especialização. Não seria demais admitir que a diversificação industrial em Caxias do Sul aparece como “estratégia de adaptação” aos novos tempos da economia, muito embora tal estratégia não esteja necessariamente atrelada a políticas claramente concebidas com esse objetivo.

Examinando o comportamento dos municípios que formam a região, podemos observar que o único município fortemente monoindustrial em 1990 (Carlos Barbosa) deixou de sê-lo em 2002. De fato, a presença de uma grande unidade da empresa metalúrgica Tramontina num contexto local de pouca industrialização explica a primeira situação. A evolução para a diversificação se deu através dos ganhos de participação dos gêneros produtos alimentares e calçados (ver anexo 1).

Chama a atenção, ainda, o salto para a diversificação ocorrido no município de Farroupilha. Em 1990, ele estava classificado como “monoindustrial” em função do gênero calçados (55,5%). Já em 2002, a estrutura industrial do município se apresenta mais diversificada, ainda com uma participação importante do gênero calçados (21,6%), mas onde sobressaem as indústrias metalúrgicas (14,2%) e do vestuário (12,4%). É de se levar em conta que a indústria de calçados em Farroupilha sofreu os efeitos da deslocalização da unidade produtiva da empresa Grendene para o Nordeste do Brasil em 1996, tendo desempregado aproximadamente 500 trabalhadores.

Ademais, cumpre assinalar que o comportamento de Caxias do Sul, a capital regional, também foi no sentido da diversificação, tendo atingido em 2002 o nível máximo de diversificação, segundo a tipologia adotada. Isso corrobora a tendência verificada a longo prazo, desde o início da industrialização regional, onde a cidade de Caxias se apresentava como o local que abrigou o processo industrial desde seus primórdios, e este se caracterizou como diversificado desde então<sup>9</sup>.

Quadro 1  
**REGIÃO DE CAXIAS DO SUL**  
 Grau de diversificação segundo adaptação da tipologia de Almeida e Ribeiro (1991)

1990	Antonio Prado	Bento Gonçalves	Carlos Barbosa	Caxias do Sul	Farroupilha	Flores da Cunha	Garibaldi	São Marcos	Veranópolis	TOTAL REGIÃO
1) fortemente monoindustrial										
2) monoindustrial										
3) bipolarizado										
4) com tendência à diversificação										
5) diversificados										

2002	Antonio Prado	Bento Gonçalves	Carlos Barbosa	Caxias do Sul	Farroupilha	Flores da Cunha	Garibaldi	São Marcos	Veranópolis	TOTAL REGIÃO
1) fortemente monoindustrial										
2) monoindustrial										
3) bipolarizado										
4) com tendência à diversificação										
5) diversificados										

Fonte: RAIS, Ministério do Trabalho e do Emprego  
 (Base de dados em CD-ROM)

Por outro lado, temos que considerar as alterações ocorridas na estrutura industrial de Bento Gonçalves e de Veranópolis, que foram os únicos municípios que apresentaram um movimento para a especialização, embora discreto, no período analisado. Em 1990, Bento Gonçalves tinha uma estrutura bipolarizada, com os gêneros móveis e metalúrgica ocupando lugar privilegiado frente aos demais gêneros (43 e 16,7% respectivamente). O desenvolvimento da indústria moveleira, estimulado pelas exportações, mas não somente por elas, provocou um ligeiro aumento da participação desse gênero (passando a 49,5%), o que, segundo os critérios adotados, fez com que esse município se tornasse monoindustrial. O caso de Veranópolis, que era um município bipolarizado em 1990, com ênfase em calçados (50,1%) e em metalúrgica (16,1%), também sofreu uma especialização em 2002, na medida em que a indústria de calçados passa a participar em 57,1% da mão-de-obra industrial do município, caracterizando-o como monoindustrial. Esse município abriga uma grande unidade produtora de calçados esportivos da empresa São Paulo Alpargatas.

O comportamento individual desses dois municípios (Bento Gonçalves e Veranópolis), entretanto, não parece ter influenciado significativamente o conjunto. Como mostra o quadro 1, anteriormente apresentado, a região de Caxias do Sul sofreu um aprofundamento da tendência à

diversificação industrial. Esse fato é tão mais marcante quando se considera que a década de 1990 foi justamente um período em que a especialização produtiva passou a ser considerada um requisito importante para a melhoria das condições de competitividade, tanto das empresas como das regiões. Como evocamos anteriormente, diversas regiões industriais pelo mundo afora buscaram na especialização uma saída para as dificuldades trazidas pela abertura dos mercados. O essencial a sublinhar aqui é justamente o fato de que a região de Caxias enfrentou essa situação de outra maneira: aprofundando a diversificação industrial.

Utilizando os mesmos critérios (adaptação da tipologia de Almeida e Ribeiro), passamos a examinar o comportamento da indústria da região do Vale do Rio dos Sinos, no período 1990/2002, com base no quadro 2 abaixo. Como fica constatado, a região do Vale do Rio dos Sinos manteve-se nitidamente monoindustrial no período da reestruturação da economia brasileira. A grande maioria dos municípios que formam essa região está classificada como “fortemente monoindustrial” e “monoindustrial” (níveis 1 e 2, no quadro).

As alterações importantes a ressaltar no período analisado dizem respeito, primeiramente, a um aumento da diversificação em Novo Hamburgo e São Leopoldo, consideradas capitais regionais. Devido ao fato de que essas são cidades de grande importância na rede urbana do Rio Grande do Sul, não é surpreendente que seu poder de atração engendre um tecido industrial mais complexo, escapando de certa maneira ao movimento na direção da especialização, que caracteriza o modo de desenvolvimento industrial do conjunto da região.

O essencial a notar, entretanto, é que os municípios com percentuais mais elevados de emprego no gênero calçados mantiveram-se no nível 1, “fortemente monoindustrial”, quais sejam : Igrejinha, Sapiranga, Parobé e Três Coroas (ver dados do anexo 2). Isso vem a corroborar a afirmação de que a indústria regional tem um forte caráter de especialização e que este se manteve sem alterações significativas durante o período em estudo. A título de esclarecimento, convém assinalar que o município de Nova Hartz, criado em 1987, aparece em 2002 já fortemente monoindustrial. Isso se deve ao fato de que ele foi formado a partir do desmembramento de espaços industriais já bastante especializados pertencentes a Parobé e a Sapiranga.

A relativa diversificação do município de Dois Irmãos, que passou do nível 1 para o 2 entre 1990 e 2002, se deve a um ganho de participação do gênero couros e peles, o que nos leva a concluir que não se trata propriamente de diversificação, pois esse gênero é parte integrante da cadeia produtiva coureiro-calçadista.

Já o município de Taquara chama a atenção por ter saltado do nível 1 para o nível 4 na tipologia adotada, podendo-se neste caso afirmar que houve uma diversificação acentuada no perfil industrial do município. Ao examinarmos os dados do anexo 2, constatamos que Taquara tinha em 1990 quase 77% de sua mão-de-obra industrial alocada no gênero calçados. Esse percentual caiu para 60 % em 2002, sendo que o segundo lugar no *ranking* do emprego está com as indústrias de produtos alimentares (15%), sucedida pelo gênero produtos plásticos (10%). Essa análise segue à risca os critérios da tipologia adotada, o que não exclui a precaução ao interpretarmos o exato significado desse movimento. Dito de outra forma, o processo de diversificação industrial verificado no município de Taquara deve ser relativizado, levando-se em conta que a participação do gênero calçados ainda é bastante elevada (60%, como vimos) e que o gênero produtos plásticos (em terceiro lugar no emprego do município) está associado à cadeia coureiro-calçadista, através do fornecimento de componentes para calçados.

Quadro 2  
REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS  
Grau de diversificação segundo adaptação da tipologia de Almeida e Ribeiro (1991)

	1990	Campo Bom	Dois Irmãos	Estância Velha	Igrejinha	Ivoti	Nova Hartz	Novo Hamburgo	Parobé	Portão	São Leopoldo	Sapiranga	Taquara	Três Coroas	TOTAL REGIÃO
1) fortemente monoindustrial															
2) monoindustrial															
3) bipolarizado															
4) com tendência à diversificação															
5) diversificados															
	2002	Campo Bom	Dois Irmãos	Estância Velha	Igrejinha	Ivoti	Nova Hartz	Novo Hamburgo	Parobé	Portão	São Leopoldo	Sapiranga	Taquara	Três Coroas	TOTAL REGIÃO
1) fortemente monoindustrial															
2) monoindustrial															
3) bipolarizado															
4) com tendência à diversificação															
5) diversificados															

Fonte : RAIS, Ministério do Trabalho e do Emprego  
(Base de dados em CD-ROM)

Em conclusão, pode-se dizer que a estratégia seguida pela região do Vale do Rio dos Sinos foi de manter e sedimentar a sua especialização industrial baseada na cadeia coureiro-calçadista. Com isso, essa região segue uma tendência bastante difundida em termos de economia regional, como foi evocado anteriormente nesse trabalho.

### **O ponto de vista extra-regional**

Com o objetivo de examinar o que representa a diversificação/especialização industrial dessas duas regiões no contexto do Estado do Rio Grande do Sul, passamos a trabalhar com o instrumento de análise regional chamado “quociente locacional” (QL) (Haddad, 1989, p. 232). O quociente locacional compara a participação percentual de uma região em um gênero particular com a participação percentual do mesmo gênero na economia estadual. Se o QL é maior do que a unidade, o gênero industrial é relativamente mais importante na região do que no Estado, e a magnitude desse quociente expressa o grau de concentração desse gênero na região, tendo como referência o Estado.

Na região de Caxias do Sul, constata-se uma concentração bastante forte do gênero material de transporte, cujo quociente locacional supera três vezes a unidade. Considerando-se, ainda, que o valor do quociente se manteve praticamente o mesmo em 1990 e em 2002, é lícito afirmar que essa região abriga o “pólo” gaúcho da indústria de material de transporte, cuja produção consiste basicamente em carrocerias de ônibus e de caminhões.

O gênero móveis, por sua vez, detém um QL também bastante elevado, comprovando a concentração desse gênero na região. Embora tenha sofrido uma pequena queda entre os dois períodos analisados, isso não significa uma desconcentração em favor de outras regiões do Estado, tendo em vista o elevado quociente que ainda detém.

Um terceiro gênero altamente concentrado na região de Caxias do Sul é bebidas, que apresentou um QL crescente entre 1990 e 2002, tendo atingido 2,1 aproximadamente no último ano em análise. Isso se deve notadamente ao crescimento da produção de vinhos e sucos, em que a região é especialista<sup>10</sup>, mas também se deve considerar a produção de refrigerantes.

Tabela 2  
**INDÚSTRIA DA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL**  
 Quociente de localização segundo o emprego

Gêneros	1990	2002
Minerais não-metálicos	0,570	0,475
Metalúrgica	1,571	1,680
Mecânica	1,543	0,930
Material elétrico e de comunicação	0,809	1,691
Material de transporte	3,405	3,389
Madeira	1,145	1,055
Móveis	3,119	2,645
Papel e papelão	0,356	1,012
Borracha	1,163	0,630
Couros e peles	0,250	0,338
Química	0,187	0,242
Produtos farmacêuticos	0,630	0,154
Perfumaria, sabões e velas	0,054	0,089
Produtos plásticos	0,881	1,395
Têxtil	2,418	1,668
Vestuário	1,005	1,398
Calçados	0,450	0,208
Produtos alimentares	0,354	0,536
Bebidas	1,284	2,099
Editorial e gráfica	0,698	0,599

Fonte : RAIS, Ministério do Trabalho e do Emprego

**CÁLCULO :**

A = emprego setor i da região j / emprego todos os setores região j

B = emprego setor i do estado / emprego todos os setores estado

A/B = QL (quociente de localização)

Se QL=1 o setor i tem a mesma importância relativa na região e no estado

Se QL >1 o setor i é relativamente mais importante na região do que no estado

Se QL <1 o setor i é relativamente mais importante no estado que na região

Quanto ao comportamento individual dos gêneros, cumpre ainda salientar a expansão da indústria de produtos plásticos na região durante a década de 1990. Seu QL passou de 0,88 em 1990 para 1,4 em 2002, evidenciando a importância crescente desse gênero. De fato, as indústrias de produtos plásticos detinham apenas 1,7% da mão-de-obra industrial da região de Caxias do Sul em 1990, sendo que em 2002 essa participação é de 6% aproximadamente (anexo 1). Esse fato contribui para demonstrar que houve um aumento da diversificação industrial na região.

A tabela 2 mostra ainda seis outros gêneros industriais cujo quociente locacional é maior que a unidade, significando que o gênero é mais importante na região do que no Estado, sobressaindo-se as indústrias metalúrgica, de material elétrico e de comunicação e têxtil, cujos QL ultrapassam 1,5. A existência de numerosos gêneros cuja importância regional é mais significativa do que o mesmo gênero em relação ao Estado comprova duas coisas: que estamos em presença de uma das regiões industriais mais importantes do Rio Grande do Sul e que se trata de uma região bastante diversificada.

Em conclusão, a tabela 2 nos permite visualizar diversos gêneros da indústria gaúcha cuja concentração na região de Caxias do Sul mostra-se evidente. Esses gêneros são bastante independentes entre si (material de transporte, móveis, bebidas, para citar alguns), o que torna difícil configurar dominância de alguma cadeia produtiva ou complexo industrial na região, afastando a possibilidade de especialização, pelo momento. Efetivamente, depreende-se dos dados apresentados uma significativa diversificação da indústria regional, onde metade dos gêneros detêm quociente locacional maior que a unidade, o que significa que o gênero é relativamente mais importante na região do que no Estado.

Os dados apresentados na tabela 3 mostram com clareza a região do Vale do Rio dos Sinos como pólo calçadista do Rio Grande do Sul, uma vez que, em 2002, todos os gêneros que detêm um quociente locacional maior que a unidade são ligados à cadeia produtiva coureiro-calçadista: papel e papelão, borracha, couros e peles, produtos plásticos e calçados.

Focando a análise na passagem entre 1990 e 2002, cabe citar que o gênero papel e papelão foi o que apresentou alteração mais significativa, praticamente duplicando o valor do seu quociente locacional (de 0,63 a 1,19). Isso significa que esse gênero vem se tornando mais importante na região em análise do que no contexto do Estado do Rio Grande do Sul, evidenciando um movimento de concentração espacial dessa atividade.

Cabe ainda destacar o crescimento do quociente locacional do gênero produtos plásticos, que não foi substancial, mas indica um ganho de importância desse gênero na região, muito provavelmente devido à incorporação crescente de componentes plásticos em calçados e

assessórios. Em seu conjunto, os dados relativos à região do Vale do Sinos comprovam o caráter altamente especializado desse espaço industrial dentro do contexto da economia gaúcha.

Tabela 3  
**INDÚSTRIA DA REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS**  
Quociente de localização segundo o emprego

Gêneros	1990	2002
Minerais não metálicos	0,422	0,425
Metalúrgica	0,575	0,573
Mecânica	0,578	0,590
Material elétrico e de comunicação	0,051	0,072
Material de transporte	0,192	0,139
Madeira	0,343	0,454
Móveis	0,138	0,210
Papel e papelão	0,631	1,193
Borracha	1,530	1,641
Couros e peles	2,054	1,872
Química	0,687	0,866
Farmacêutica	0,092	0,016
Perfumaria, sabões e velas	0,236	0,218
Produtos plásticos	1,362	1,550
Têxtil	0,101	0,428
Vestuário	0,323	0,255
Calçados	2,486	2,374
Produtos alimentares	0,136	0,106
Bebidas	0,035	0,057
Editorial e gráfica	0,429	0,667

Fonte: RAIS, Ministério do Trabalho e do Emprego

#### CÁLCULO

A = emprego setor i da região j / emprego todos os setores região j

B = emprego setor i do estado / emprego todos os setores estado

A/B = QL (quociente de localização)

Se QL=1 o setor i tem a mesma importância relativa na região e no estado

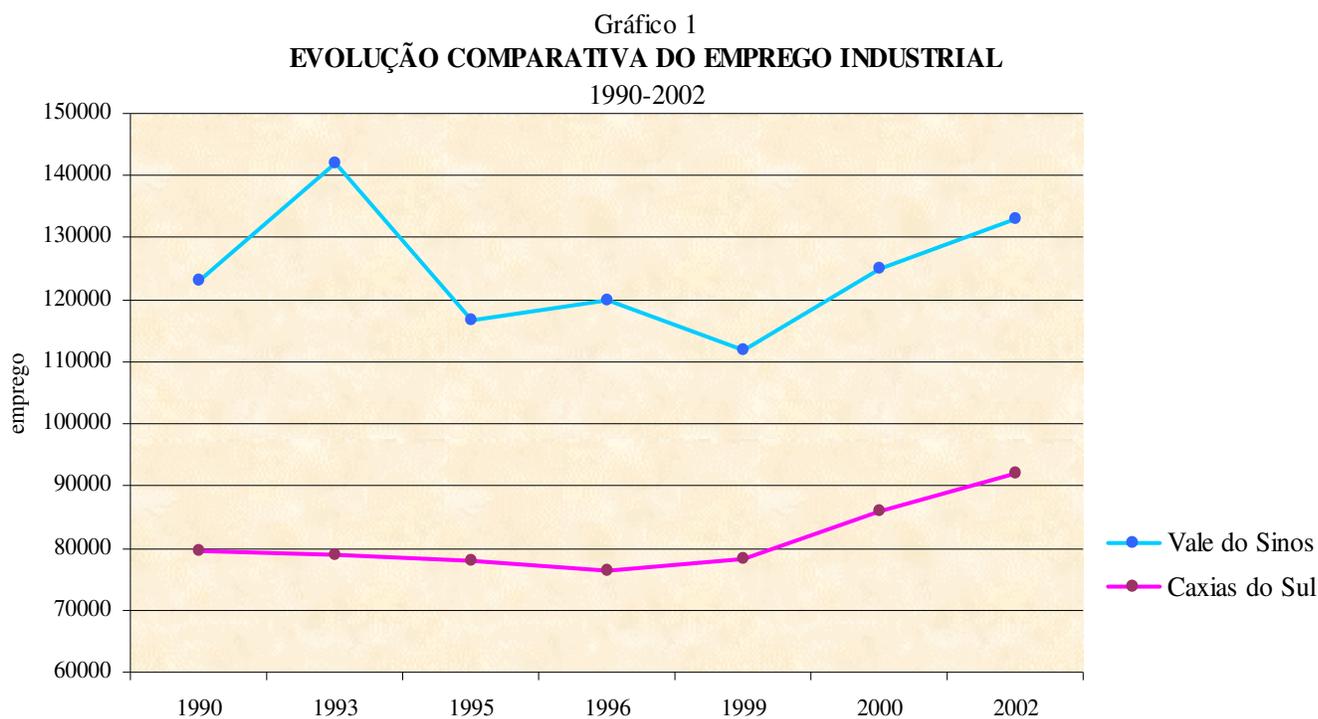
Se QL >1 o setor i é relativamente mais importante na região do que no estado

Se QL <1 o setor i é relativamente mais importante no estado que na região

### **Evolução comparativa do emprego industrial**

Este breve exercício comparativo entre uma região industrial especializada e outra diversificada não estaria completo se não fosse abordada a evolução do emprego industrial em ambas, ainda que de maneira sucinta.

As linhas do gráfico são reveladoras da grande diferença de comportamento do emprego industrial nas duas regiões: ao movimento oscilatório marcante da região do Vale do Sinos se opõe a evolução relativamente estável da região de Caxias do Sul (mesmo se as duas curvas se assemelhem a partir de 1999). Deve-se levar em conta – e insistimos nisso – que a década de 1990 foi um período de grandes transformações na economia brasileira, quando a reestruturação industrial trouxe instabilidades aos mercados de trabalho regionais, em função das inovações produtivas e organizacionais necessárias ao realinhamento competitivo de setores industriais.



Fonte : RAIS, Ministério do Trabalho e do Emprego

Com isso, seria de se esperar que a região de Caxias do Sul apresentasse severas alterações no nível de emprego, tendo em vista as ligações a montante e a jusante que diversos de seus setores industriais tecem com outras regiões do País, o que em princípio conferiria uma certa sensibilidade à economia local. Porém, como se trata de um ambiente industrial diversificado, esses efeitos não chegam a influenciar de maneira determinante o conjunto da indústria regional. Na verdade, as oscilações no emprego regional não assumem grande amplitude devido ao fato que uma parcela dos desempregados termina por ser reabsorvida por outros setores e/ou empresas da própria região. Trata-se de uma mão-de-obra com boa formação e com experiência na

atividade industrial, de modo a dispor de uma flexibilidade capaz de responder satisfatoriamente à demanda por trabalhadores existente na região.

As flutuações no emprego industrial da região do Vale do Rio dos Sinos, por seu turno, comprovam a fragilidade de um espaço econômico altamente especializado e vulnerável a fatores exógenos. Assim, a linha do emprego industrial no Vale do Sinos reflete em grande medida a dependência das exportações. O pico de crescimento em 1993 se deve à expansão do mercado estado-unidense<sup>11</sup>, aliada à utilização da capacidade ociosa das empresas locais. Soma-se, ainda, a isso o estímulo às exportações propiciado pela supervalorização do dólar em relação à moeda nacional.

Entre 1993 e 1999, o declínio das exportações é atribuído a dois fatores principais. Por um lado, o Plano Real, ao trazer a paridade do real em relação ao dólar, provocou uma perda de competitividade dos produtos brasileiros no mercado externo. As indústrias essencialmente exportadoras, como a de calçados, foram severamente atingidas. Por outro lado, a concorrência do calçado asiático no mercado estado-unidense foi arrasadora para o produto brasileiro. Estudos mostram que as fábricas chinesas são capazes de produzir calçados populares que podem ser vendidos a 5 dólares o par, devido aos custos da mão-de-obra que são ainda mais baixos do que os do Brasil. Assim, o período de 1993 a 1999 foi de crise para a região do Vale do Sinos, onde o desemprego foi a seqüela mais visível: cerca de 30 000 desempregados, segundo dados da RAIS. Enquanto região industrial fortemente especializada, o Vale dos Sinos é voltado para as exportações, como vimos, sendo que essas são perigosamente concentradas sobre um único mercado. A par disso, a política cambial brasileira exerce um papel decisivo sobre a atividade industrial dessa região, dela dependendo em grande parte as decisões tomadas pelos agentes econômicos locais. Essas características convergem para demonstrar o quão exógenos são os condicionantes do desenvolvimento desse espaço industrial e o quão vulnerável tende a ser o seu dinamismo.

O gráfico mostra, ainda, um movimento ascendente de ambas as curvas de emprego entre 1999 e 2002. No caso da região do Vale dos Sinos, isso se explica pelo câmbio favorável às exportações (dólar supervalorizado em relação ao real), bem como por um redirecionamento das

exportações de calçados, sobretudo na busca do mercado argentino. No que concerne à região de Caxias do Sul, foram vários os gêneros a contribuir para o aumento global do emprego. Metalúrgica, material de transporte, móveis, plásticos, indústrias alimentares são os mais significativos. Embora não sejam exclusivamente exportadores, os gêneros “material de transporte” e “móveis” sofreram em alguma medida os efeitos positivos do câmbio favorável à exportação. No geral, a região de Caxias do Sul acompanhou o movimento da indústria brasileira no sentido de uma retomada de dinamismo em função da relativa estabilidade das variáveis macroeconômicas no período.

A evolução do emprego industrial em ambas as regiões permite chamar atenção para os diferentes modos de industrialização e sua capacidade de promover um desenvolvimento econômico estável. Assim, é lícito concluir que, na região de Caxias do Sul, a atividade industrial mantém seu dinamismo sem grandes oscilações, como se depreende do gráfico acima. Isso permite aos agentes econômicos planejar, tomar decisões de médio e longo prazos, engendrando um crescimento econômico relativamente estável, que traz efeitos positivos para a região como um todo. Por outro lado, a região do Vale do Rio dos Sinos, por estar mais vulnerável a oscilações conjunturais, tem um comportamento econômico que poderíamos caracterizar como “efeito sanfona”. Essa instabilidade tem elevados custos, não somente quanto ao desemprego como ameaça permanente, mas também em termos de prejuízos para as empresas da região.

## **Conclusões**

As preocupações acerca do desenvolvimento regional assumem um significado diferente, na atualidade, quando o processo de globalização aparenta homogeneizar os espaços econômicos, cingindo-os todos a uma mesma lógica de funcionamento na qual as forças de mercado comandam. Por outro lado, a retirada de cena do Estado enquanto instituição centralizadora de políticas provocou a marginalização (para não dizer o abandono) das práticas de planejamento que buscavam minorar as desigualdades regionais de desenvolvimento. Frente à carência de recursos para financiar seu desenvolvimento, as regiões e/ou os espaços locais viram-se na contingência de buscar outros modos de sobrevivência econômica que não dependessem de investimentos e de subsídios federais. Assim, voltaram para si mesmas, na busca de estímulos locais, endógenos.

A bibliografia internacional é farta em exemplos de regiões que cresceram economicamente à revelia do poder central, em plena era da globalização. Observa-se uma revalorização da dimensão local, no sentido de que as regiões tratam de enfatizar suas particularidades, valorizando aquilo que cada uma tem de peculiar em relação a outras, na busca de vantagens comparativas para uma inserção favorável na economia mundializada. Diversos autores constataam que a globalização trouxe em seu bojo o revigoramento da dimensão local e não a destruição desta através de uma homogeneização. Como salienta Matteaciolli (1995), “a mundialização não significa um mundo em vias de uniformização. Para as firmas, ter uma estratégia global significa antes de mais nada uma capacidade de controlar um conjunto de diferenças constantemente recriadas” (p. 9).

Essa revalorização do espaço local refletiu-se também sobre a maneira pela qual a ciência regional passou a conceber o desenvolvimento. Até meados dos anos 70, enfatizava-se o desenvolvimento vindo “de cima”, aquele movido por fatores externos à região. Segundo essa concepção, o desenvolvimento regional deveria se dar pela transferência de recursos das zonas desenvolvidas para as zonas não desenvolvidas, através da modernização do tecido produtivo, com transferências de capitais e de tecnologia. Essas iniciativas vindas “de cima”, entretanto, não levavam em conta as características locais, mas consideravam o espaço regional como mero suporte, receptáculo das ações propostas exteriormente. Em contrapartida a essa concepção, e principalmente a partir dos anos 1980, passou-se a encarar o desenvolvimento “de baixo para cima”, baseado em fatores endógenos. A partir dessa mudança, a região passou a ser vista como meio socioeconômico capaz de engendrar seu próprio desenvolvimento, deixando de ser um substrato passivo ao qual seriam aplicadas diretrizes vindas “de cima”. Assim, a região passou a ser considerada como uma organização socioeconômico-territorial portadora de um potencial próprio de desenvolvimento.

É importante ressaltar que a noção de desenvolvimento endógeno não implica uma dinâmica autárquica ou auto-suficiente. Não se está em presença de um localismo estanque, de um espaço econômico fechado ao exterior. No mundo atual, onde os espaços estão mais do que nunca interligados, torna-se difícil conceber um sistema produtivo local baseado exclusivamente

em produção e consumo locais. É justamente na relação com o todo que a região faz valer suas peculiaridades, que podem ser transformadas em vantagens comparativas. A esse respeito, Sengenberger (1993) tem uma formulação concisa: “Não se trata de impedir as trocas econômicas com o exterior; entretanto essas trocas devem ser submetidas a certas condições e mostrar-se articuladas às necessidades da região” (p. 357).

Nesse contexto geral, onde a dimensão local adquire novos interesses, insere-se o presente texto. Nele buscamos examinar o comportamento de duas regiões industriais gaúchas enquanto espaços econômicos particulares, dotados de vulnerabilidades e de potencialidades de crescimento. Privilegiando a ótica da diversificação/especialização baseada no emprego industrial, pudemos observar comportamentos distintos na fase mais marcante da reestruturação industrial da economia brasileira. A região do Vale do Rio dos Sinos manteve e solidificou sua tradicional especialização na cadeia coureiro-calçadista, enquanto que a região de Caxias do Sul voltou-se para o aprofundamento da diversificação. O nível de emprego industrial apresentou significativas oscilações na região especializada, enquanto que, na região diversificada, manteve-se relativamente estável. Não é difícil perceber a gravidade do desemprego em grande escala quando se tem em mente um desenvolvimento regional durável.

Entretanto, todo cuidado é pouco ao interpretar as idéias veiculadas nesse trabalho. Ao mostrar, através de dois exemplos do Rio Grande do Sul, que uma região com estrutura industrial diversificada tende a apresentar melhores condições de sustentabilidade em seu crescimento econômico do que uma região fortemente especializada, não estamos afirmando que o modo de industrialização diversificado assegura um desenvolvimento equilibrado, tornando a região imune a crises. Afirmar que uma região pode se tornar uma ilha de tranquilidade em meio a um mar turbulento seria no mínimo simplista. Bem ao contrário, nosso pensamento vai no sentido de uma inserção da região na economia-mundo, e essa inserção torna-se mais favorável na medida em que as potencialidades da economia local são ricas e variadas, e que o grau de autonomia que ela detém lhe permite o controle das decisões importantes.

Por outro lado, não descartamos as vantagens de uma especialização industrial em nível regional, principalmente no que concerne a melhorias de produtividade e outras facilidades

advindas da integração do tecido industrial num único setor de atividade, como, por exemplo, no caso dos *clusters*. Entretanto, deve-se considerar que isso pode ser uma forma de vulnerabilidade, que será menos nociva se a região for capaz de adotar um padrão de desenvolvimento baseado em características endógenas.

Reiteramos nosso entender de que a diversificação de atividades não tem um papel defensivo face à instabilidade dos mercados e ao aumento dos riscos na economia, nem tampouco tem o poder de garantir o dinamismo de uma região. Nossa perspectiva é simplesmente mostrar que, ao contrário do que aponta a maioria das abordagens sobre desenvolvimento regional, as regiões diversificadas são também capazes de responder adequadamente aos desafios da era da mundialização, através de uma revalorização de suas características endógenas. Em essência, nós defendemos o modo de industrialização diversificado como uma outra maneira de ver o desenvolvimento local. Dito de outra forma, o que buscamos enfatizar é o papel da diversificação como um elemento a mais para interpretar o desenvolvimento regional na atualidade.

### Referências

- ALBAGLI, S. e BRITO, J. 2003. *Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais*. Disponível em: [www.ie.ufrj.br/redesist](http://www.ie.ufrj.br/redesist), 29 p.
- ALMEIDA, R.S. e RIBEIRO, M.A.C. 1991. Análise da organização espacial da indústria brasileira através de uma tipologia de centros industriais. *Atlas Nacional do Brasil*, Cadernos de Geociências (especial), Diretoria de Geociências, IBGE, Rio de Janeiro, p. 69-81.
- AYDALOT, P. 1984. A la recherche des nouveaux dynamismes spatiaux. In: *Crise et espace*. Paris, Economica, 368 p.
- BENKO, G. e LIPIETZ, A. (orgs.). 1994. *As regiões ganhadoras*. Oeiras, Portugal, Celta, 424 p.
- BREITBACH, A.C.M. 2003. *Une dynamique régionale fondée sur la diversification industrielle: l'expérience de la région de Caxias do Sul, Brésil*. Paris, França. Tese de doutorado. Université de Paris I – Panthéon – Sorbonne, 440 p.
- HADDAD, P.R. (org.). 1989. *Economia regional: teorias e métodos de análise*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 694 p.
- MATTEACCIOLI, A. 1995. *Les facteurs généraux de l'évolution économique contemporaine explicatifs des dynamiques de l'espace géographique*. Texto para discussão, Université de Paris I, 48 p.

MOREIRA, E.M. 1987. *O nível de inovação tecnológica da indústria de calçados de couro do Vale do Sinos: determinantes e tendências a inovar*. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Econômicas/UFRGS, 173 p.

ROCHE, J. 1969. *A imigração alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 806 p.

SENGENBERGER, W. 1993. Développement local et concurrence économique internationale. *Revue Internationale du Travail*, **132**(3):349-366.

## ANEXO 1

Anexo 1

REGIÃO DE CAXIAS DO SUL

1990 e 2002

Participação dos gêneros industriais

(continua)

GÊNEROS	Antonio Prach		Bento Gonçalves		Caxias do Sul		Caxias do Sul		Farroupilha	
	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002
Minerais não metálicos	0,8	7,0	0,9	1,0	0,4	1,0	1,3	1,0	2,2	2,8
Metalúrgica	0,9	1,0	16,7	10,0	77,0	64,4	16,0	16,0	11,8	14,2
Mecânica	0,0	0,2	1,4	4,4	4,9	1,7	21,8	11,0	0,8	2,5
Material elétrico	0,0	0,0	0,4	1,6	0,0	4,5	3,6	6,9	0,1	0,6
Material de transporte	0,0	0,0	0,2	0,1	0,2	0,3	22,5	28,6	0,1	1,2
Madeira	4,6	0,4	2,0	0,8	1,6	1,3	5,1	2,4	0,7	2,2
Móveis	44,7	41,9	43,0	49,5	2,5	2,1	3,6	4,7	4,2	7,7
Papel e papelão	0,1	1,5	0,0	0,8	0,0	0,0	0,1	0,8	3,5	6,9
Borracha	0,7	0,0	7,1	3,9	0,0	0,0	0,9	0,9	0,1	0,0
Couros e peles	0,0	2,5	3,4	4,2	0,1	0,4	0,6	0,3	0,6	4,9
Química	0,0	0,0	1,4	0,2	0,0	0,0	0,7	0,7	0,3	0,1
Farmacêutica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,0	0,0
Perfumaria, sabões e velas	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Produtos plásticos	0,0	0,0	0,8	5,1	3,5	2,5	1,4	8,0	4,5	3,5
Têxtil	0,0	0,2	0,5	0,9	0,3	0,1	8,6	3,4	8,6	6,7
Vestuário	4,6	1,5	3,6	1,2	0,6	2,9	4,9	4,1	3,3	12,4
Calçados	28,5	9,9	2,7	0,4	4,6	10,5	0,7	0,2	55,5	21,6
Produtos alimentares	14,4	23,6	9,1	8,8	3,9	7,7	3,8	7,6	2,7	5,9
Bebidas	0,1	9,9	5,6	5,8	0,0	0,1	1,3	0,7	0,8	4,1
Editorial e gráfica	0,6	0,4	1,1	1,2	0,6	0,5	2,6	2,9	0,2	2,8
TOTAL DA INDÚSTRIA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte : RAIS (base de dados em CD rom)

Anexo 1 - Continuação

REGIÃO DE CAXIAS DO SUL

1990 e 2002

Participação dos gêneros industriais

GÊNEROS	Flore da Cunha		Garibaldi		São Marcos		Veranópolis		TOTAL DA REGIÃO	
	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002
Minerais não metálicos	1,4	2,6	4,8	2,4	7,2	2,2	2,7	0,6	1,6	1,4
Metalúrgica	2,2	3,8	35,1	24,6	1,4	3,4	16,1	6,4	17,1	16,3
Mecânica	0,1	0,3	0,4	1,3	5,4	0,3	0,4	9,9	12,8	7,5
Material elétrico	0,0	0,4	0,7	1,5	0,0	0,0	0,0	0,1	2,1	4,3
Material de transporte	2,0	0,0	0,0	0,2	29,4	50,5	0,2	0,1	13,5	16,9
Madeira	2,4	2,4	1,9	1,6	3,4	3,5	8,3	0,8	3,9	2,0
Móveis	66,6	58,0	5,6	26,9	9,8	23,9	3,8	8,3	11,6	15,8
Papel e papelão	0,0	0,2	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,6	1,2
Borracha	0,1	0,3	0,5	0,4	0,4	0,7	0,0	1,0	1,5	1,1
Couros e peles	4,9	3,0	0,2	0,0	0,0	0,8	2,0	3,7	1,1	1,6
Química	0,1	0,0	0,0	0,0	1,4	0,2	1,3	0,0	0,7	0,4
Farmacêutica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0
Perfumaria, sabões e velas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Produtos plásticos	1,5	3,3	0,9	2,7	0,8	3,3	0,1	0,4	1,7	5,9
Têxtil	1,2	2,2	0,5	0,3	9,5	1,8	2,9	0,4	6,5	2,8
Vestuário	2,3	5,0	4,9	3,5	1,2	3,7	9,0	5,0	4,3	4,4
Calçados	0,8	0,5	5,7	0,6	22,3	0,0	50,1	57,1	11,4	5,1
Produtos alimentares	1,4	1,5	16,4	24,8	2,8	1,3	1,6	3,6	4,8	8,2
Bebidas	12,3	15,7	20,3	8,4	4,7	3,6	0,8	1,0	2,8	2,9
Editorial e gráfica	0,5	0,8	0,8	0,7	0,3	0,6	0,6	1,3	1,8	2,2
TOTAL DA INDÚSTRIA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte : RAIS (base de dados em CD rom)

## ANEXO 2

Anexo 2

REGIÃO DO VALE DO RIO DOS SINOS

1990 e 2002

Participação dos gêneros industriais

(continua)

GÊNEROS	Campo Bom		Dois Irmãos		Estância Velha		Igrejinha		Ivoti		Nova Hartz		Novo Hamburgo	
	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002
Minaerais não metálicos	1,8	2,5	0,2	0,2	3,1	1,1	0,0	0,1	0,9	0,4	0	0,1	0,7	0,5
Metalúrgica	3,4	4,1	0,3	0,8	2,7	3,6	0,3	1,0	0,1	0,8	0	0,7	3,7	6,5
Mecânica	1,9	2,0	0,0	0,1	0,7	0,7	0,4	0,4	0,1	0,0	0	0,2	7,8	7,5
Material elétrico	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0,0	0,2	0,5
Material de transporte	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0,0	0,7	0,5
Madeira	0,3	0,4	0,8	0,9	0,0	0,6	1,1	0,2	0,3	0,2	0	0,1	2,2	2,0
Móveis	0,1	1,1	0,1	10,2	0,3	0,9	0,0	0,2	0,4	0,6	0	0,5	0,9	0,9
Papel e papelião	2,5	1,8	0,0	0,0	0,7	0,1	3,0	0,7	0,0	0,0	0	0,0	0,5	1,6
Borracha	0,3	0,4	0,0	0,0	0,2	2,3	0,0	0,0	0,0	0,4	0	0,0	2,5	4,9
Couros e peles	9,8	6,3	1,5	11,1	36,5	33,0	4,6	4,3	35,3	27,8	0	0,0	8,4	10,8
Química	4,2	4,1	0,0	0,0	7,5	3,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0,1	4,1	1,7
Farmacêutica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0,0	0,1	0,0
Perfumaria, sabões e velas	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0	0,0	0,0	0,1
Produtos plásticos	2,8	8,6	0,0	0,9	1,6	3,7	0,0	2,3	0,1	0,2	0	0,0	6,2	15,9
Têxtil	0,0	0,9	0,2	0,0	0,0	0,6	0,0	0,0	0,0	0,2	0	0,0	0,5	1,1
Vestuário	0,3	0,2	0,1	1,1	0,5	1,0	3,2	0,4	0,1	3,5	0	0,1	3,6	1,0
Calçados	69,5	63,2	94,4	72,5	45,1	46,9	86,4	88,9	58,9	57,3	0	96,1	55,6	38,9
Produtos alimentares	0,4	0,2	2,0	1,1	1,0	0,9	0,8	0,5	4,0	4,8	0	0,2	1,4	1,5
Bebidas	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	1,4	0	0,0	0,2	0,1
Editorial e gráfica	2,7	3,7	0,6	1,2	0,2	0,9	0,0	1,0	0,0	2,4	0	1,9	0,8	4,0
<b>TOTAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>							

Fonte : RAIS (base de dados em CDrom)

Nota - Nova Hartz, município criado em 1987, não dispunha de dados para 1990.

Anexo 2 - Continuação

1990 e 2002

**REGIÃO DO VALE DO RIOS DOS SINOS**

Participação dos gêneros industriais

GÊNEROS	Parobé		Pudão		São Leopoldo		Sapiranga		Taquara		Três Coroas		TOTAL DA REGIÃO	
	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002	1990	2002
Mineiais não metálicos	0,4	0,1	0,7	0,9	3,7	6,2	0,2	0,3	1,0	1,8	0,0	0,4	1,2	1,2
Metalúrgica	1,7	1,6	0,7	0,6	27,0	19,6	5,9	7,6	2,1	1,7	0,4	1,1	6,3	5,6
Mecânica	0,0	2,4	0,3	0,3	15,3	24,1	1,6	1,0	0,5	0,4	0,0	0,0	4,8	4,7
Material elétrico	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,5	0,0	0,0	0,1	0,9	0,0	0,0	0,1	0,2
Material de transporte	0,0	0,0	2,1	2,5	3,6	5,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,7
Madeira	0,4	0,1	0,8	0,8	1,0	1,0	0,7	0,1	2,1	3,5	1,7	0,1	1,2	0,9
Móveis	0,1	0,2	0,4	0,0	0,9	1,2	0,4	0,2	0,7	1,0	0,0	0,2	0,5	1,2
Papel e papelão	1,5	0,6	0,0	0,0	2,4	3,0	0,2	2,1	0,0	0,0	0,0	3,3	1,0	1,4
Borracha	0,0	0,0	2,2	15,3	8,6	10,9	0,0	0,8	0,0	0,6	0,0	0,2	2,0	2,9
Couro e peles	1,5	0,1	38,1	34,3	4,2	5,2	0,9	0,9	1,4	1,7	5,7	3,6	9,2	8,6
Química	0,0	0,0	6,3	9,8	2,0	0,1	0,1	0,4	1,6	2,3	0,0	0,1	2,6	1,5
Farmacêutica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Perfumaria, sabões e velas	0,0	0,0	0,2	0,7	0,5	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1
Produtos plásticos	0,0	0,5	0,2	4,0	2,1	5,5	0,0	1,0	0,8	10,2	5,6	3,5	2,7	6,5
Têxtil	0,0	0,1	0,2	0,8	0,8	1,5	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	2,3	0,3	0,7
Vestuário	0,0	0,1	0,0	0,5	1,1	2,0	0,2	0,4	0,1	0,4	0,1	0,2	1,4	0,8
Calçados	92,8	91,9	42,2	24,8	21,5	6,3	89,1	83,3	76,8	60,6	85,1	83,5	62,9	58,7
Produtos alimentares	1,6	2,2	5,5	4,5	2,0	2,6	0,2	0,7	12,2	14,9	0,2	0,4	1,8	1,6
Bebidas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1
Editorial e gráfica	0,0	0,0	0,2	0,1	2,9	4,8	0,5	1,0	0,5	0,3	1,0	1,1	1,1	2,4
<b>TOTAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>												

Fonte : RAIS (base de dados em CDrom)

<sup>1</sup> Consideramos aqui uma noção de desenvolvimento que ultrapassa a idéia de crescimento econômico simplesmente. O desenvolvimento é um processo mais complexo, que trabalha com variáveis estruturais e que se desenrola no longo prazo, onde o aumento da produção não é o único aspecto a levar-se em conta. O essencial na noção de desenvolvimento é a forma pela qual os resultados do crescimento são distribuídos socialmente. Isso significa que um crescimento da demanda é indispensável, tanto em termos de poder aquisitivo como em termos de número de consumidores integrados ao mercado. Do nosso ponto de vista, não se pode admitir que uma região seja considerada desenvolvida se uma parcela de seus habitantes permanecer afastada do mercado de consumo corrente. Um desenvolvimento regional durável é aquele que se sustenta no tempo, aquele que é menos vulnerável aos efeitos imponderáveis do mercado. Ainda, a preservação do meio ambiente é outro aspecto fundamental do conceito de desenvolvimento, tendo em vista o médio e longo prazos.

<sup>2</sup> Dada a natureza do presente texto, não cabe discutir os procedimentos que empregamos para definir espacialmente as regiões em análise. Para isso, sugerimos consultar Breitbach, 2003, p. 70 e seguintes e p. 272 e seguintes. Listamos, apenas, os municípios que compõem cada uma delas.

Região de Caxias do Sul : Antonio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos e Veranópolis.

Região do Vale do Rio dos Sinos : Araricá, Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Igrejinha, Ivoti, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Parobé, Portão, São Leopoldo, Sapiranga, Taquara, Três Coroas.

<sup>3</sup> Seria por demais simplista atribuir unicamente à diversificação industrial o crescimento dessa região. Trata-se de um processo bastante mais complexo em que uma pluralidade de fatores interagem, muitos dos quais estão inscritos no passado dessa região e dizem respeito a aspectos históricos e culturais, mas também a elementos econômicos e sociais.

<sup>4</sup> Segundo dados da RAIS sobre o emprego industrial entre 1990 e 2000, a região de Caxias do Sul cresceu 8,3%, enquanto que o Estado sofreu um decréscimo de 2,2%, o que mostra que a região conseguiu contra-restar a tendência da indústria gaúcha.

<sup>5</sup> Entende-se por cadeia produtiva “o encadeamento de atividades econômicas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos, incluindo desde as matérias-primas, máquinas e equipamentos, produtos intermediários até os finais, sua distribuição e comercialização. Resulta de e implica em crescente divisão

de trabalho, na qual cada agente ou conjunto de agentes especializa-se em etapas distintas do processo produtivo. Uma cadeia produtiva pode ser de âmbito local, regional, nacional ou mundial.” (Albagli e Brito, 2003, p. 8).

<sup>6</sup> Embora o tema não seja objeto do presente texto, convém salientar que as diferenças religiosas entre as duas colônias (alemães evangélicos e italianos católicos) tiveram papel importante na formação social das regiões em análise, não tendo se limitado a aspectos de ordem cultural e ideológica, mas produzindo efeitos também sobre a ordem econômica e social.

<sup>7</sup> Conforme tabela de conversão de valores em

[www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/servicos/pg\\_atualizacao\\_valores.php](http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/servicos/pg_atualizacao_valores.php)

<sup>8</sup> Entende-se por “regiões intensivas em mão-de-obra” aquelas em que predominam tecnologias tradicionais, onde o emprego da força de trabalho é mais decisivo que o desempenho dos equipamentos.

<sup>9</sup> Alguns aspectos históricos da formação industrial da região foram tratados em Breitbach, 2003, p. 249.

<sup>10</sup> Produz mais de 90% do vinho brasileiro.

<sup>11</sup> Aproximadamente 70% das exportações gaúchas de calçados se destinam aos Estados Unidos.